

# Dois Olhares sobre Heleieth Saffioti<sup>1</sup>

BILA SORJ

## *O Feminismo Adentra a Academia*

<sup>1</sup> Comunicações apresentadas na mesa redonda Homenagem a Heleieth Saffioti 25 anos do livro *A Mulher na Sociedade de Classes* 18 Encontro Anual da ANPOCS em 26 de novembro de 1994 Caxambu/MG

Gostaria primeiramente de agradecer o convite de Mariza Correia para participar desta homenagem pela passagem de 25 anos da publicação de *A Mulher na Sociedade de Classes* de Heleieth Saffioti

Para situar melhor minha intervenção devo dizer que so muito recentemente tive o prazer de conhecer a Heleieth pessoalmente e que apenas nos ultimos meses tive a oportunidade de trabalhar proxima a ela por ocasião da nossa participação como consultoras do Itamarati na preparação do documento brasileiro para a Conferência da Mulher em Pequim

Nesta ocasião pude testemunhar o prestígio e admiração que ela goza entre as estudosas das questões relativas as mulheres no pais

Contextualizo minha relação com a Heleieth porque a contribuição que farei a esta homenagem sera extremamente parcial uma vez que não tive oportunidade de acompanhar de perto as qualidades da Heleieth como professora orientadora ou colaboradora em projetos intelectuais em que esteve envolvida Portanto procurarei salientar as contribuições intelectuais dela especialmente no que diz respeito a mulher trabalho e desenvolvimento

Não e demais lembrar que seu livro foi pioneiro não so no Brasil como em nivel internacional onde a Heleieth constitui referência obrigatoria especialmente no mundo anglo-saxão Para avaliarmos o alcance desta obra e seus efeitos e necessario situa-la no contexto dos debates sobre mulher e desenvolvimento que predominavam no final da decada de 60 e inicios de 70 Nesta epoca o livro de Ester Boserup *Woman s Role in Economic Development* de 1970 vinha marcando os parâmetros do debate

sobre mulher e desenvolvimento na esteira do grande apelo que a teoria da modernização provocara entre os cientistas sociais americanos e latino-americanos. O argumento geral de Boserup era de que as mulheres trabalhadoras se encontravam marginalizadas do processo de desenvolvimento econômico em virtude dos seus baixos ganhos econômicos como operárias, camponesas ou comerciantes quando comparados aos dos homens. Daí que as políticas de desenvolvimento deveriam se orientar a reparar este problema de tal forma que as mulheres pudessem participar de uma maneira mais plena dos frutos do desenvolvimento. De fato, a teoria da modernização está baseada na percepção de que a mudança social é um movimento linear do atraso à modernidade e advoga pela adaptação das instituições da tecnologia e das atitudes aquelas existentes nos países centrais do ocidente.

A relevância do livro *A Mulher na Sociedade de Classes* e o impacto que causa se deve à meu ver à apresentação de uma interpretação diferente desta que havia se tornado o senso-comum da academia, principalmente norte-americana, e que havia inspirado os diferentes programas de cooperação internacional em vários países do chamado Terceiro Mundo. Enfatizando as mudanças nas relações de classe, os efeitos contraditórios do processo de desenvolvimento capitalista e o reconhecimento da possibilidade de modelos alternativos de desenvolvimento, o livro proporciona um contraponto à teoria da modernização. O argumento da Heleieth, em poucas palavras, é consciente do risco de simplificá-lo e que o capitalismo ora incorpora as mulheres ao sistema de produção, ora descarta-as e as marginaliza na família como exército de reserva, segundo as suas exigências para rebaixar os salários e dividir a classe trabalhadora, mistificando tanto para as mulheres quanto para os homens a estrutura da exploração capitalista. Posteriormente, no livro *Do Artesanal ao Industrial, a exploração da mulher*, Heleieth nos oferece um estudo empírico da indústria têxtil onde procura confirmar a tese da marginalização da mulher no capitalismo brasileiro.

Uma terceira corrente de pensamento que integra o debate dos anos 70 encontrou a sua formulação mais precisa e polêmica no trabalho de Heidi Hartmann, *O Casamento Infeliz entre Marxismo e Feminismo*, onde se confere a divisão patriarcal do trabalho e as relações sociais entre homens e mulheres, o poder explicativo sobre a opressão das mulheres. Os homens, mais do que a burguesia, seriam os principais beneficiários da divisão sexual do trabalho.

Estas três correntes de pensamento marcam os debates da década de 70 - modernização v. acumula-

ção desigualdades de classe v desigualdades de gênero - procurando promover ao mesmo tempo uma maior compreensão da origem da opressão feminina e um esforço para que daí derivem estratégias políticas de emancipação das mulheres. *A Mulher na Sociedade de Classes* ocupa um lugar destacado neste debate. Sua importância transcende em muito as nossas possíveis discordâncias teóricas, até porque Heleieth revê muitas das suas posições em trabalhos posteriores, advogando por uma visão mais integrada do capitalismo e do patriarcalismo, do domínio público e privado, da produção e reprodução. De qualquer forma, a força do livro reside na forma como o argumento é construído e cujas qualidades em muito se assemelham aquelas que observamos nos clássicos da nossa disciplina e que infelizmente são cada vez mais escassas entre os contemporâneos. Gostaria de finalizar mencionando essas qualidades que mais me chamam a atenção:

Primeiro, uma disciplinada busca de conceitos e em geral de instrumental teórico nos clássicos da Sociologia, sendo Marx e Engels os pensadores nos quais Heleieth encontra maior inspiração e que serão reinterpretados e reaproveitados na construção de sua compreensão das venturas e desventuras das mulheres no capitalismo.

Segundo, uma historicização da problemática feminina através da qual somos levados a olhar em perspectiva as grandes transformações e algumas permanências na situação das mulheres no país.

Terceiro, uma busca de diálogo com outras disciplinas, privilegiando de uma maneira pioneira a Psicanálise, que tanto sucesso tem feito nos últimos anos entre as feministas, e a Antropologia.

Quarto, a habilidade em aliar rigor conceitual e pesquisa empírica, tanto quantitativa como qualitativa, mostrando um completo domínio dos procedimentos científicos e a disposição das ciências sociais.

Finalmente, sua preocupação com a análise comparada entre o Brasil e especialmente os Estados Unidos, evidenciando as continuidades e discontinuidades dos impactos da industrialização sobre a força de trabalho feminina.

*A Mulher na Sociedade de Classes* marcou época nas ciências sociais do país. Legitimou o campo dos estudos sobre mulher e relações de gênero, abrindo espaço para a produção acadêmica que se seguiu. Somos todas beneficiárias de seu talento e ousadia. Como todo livro de peso, estava fadado a promover controvérsias e suscitar polémicas que transcenderam os parâmetros teóricos ali estabelecidos. Mas este é o destino natural e a grandeza de toda obra pioneira: ser maior que si mesma.